



AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA: PRÁTICA DOCENTE NO COTIDIANO ESCOLAR E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO¹

Francisco José da Silva Santos ²

RESUMO

O artigo é fruto de pesquisas preliminares realizadas no contexto do subprojeto de pesquisa Geografia Escolar no cotidiano (GEOCOTI), que tem como objetivo geral compreender as relações que professores e alunos estabelecem com o conhecimento geográfico no contexto do ensino básico, considerando como essas interações ocorrem no cotidiano escolar. Este trabalho, em específico, dá ênfase à categoria de análise da avaliação da aprendizagem, um dos temas da pesquisa realizada pelo GEOCOTI e objeto de estudo do autor. Colaborando com a investigação da temática, o objetivo geral deste trabalho é identificar práticas de avaliação da aprendizagem realizadas pelos professores de Geografia em seu cotidiano escolar, destacando as implicações deste contexto para o desenvolvimento do pensamento geográfico dos estudantes. O percurso metodológico adotado consistiu em pesquisa empírica realizada com 8 professores de escolas públicas, utilizando como instrumento de produção de dados a observação das aulas de Geografia, realizadas por meio de um instrumental elaborado coletivamente pelos pesquisadores do Grupo GEOCOTI, articulado com leituras e debates em grupo que embasaram teoricamente os aspectos selecionados para observação e posterior análise. Os resultados obtidos até o momento são produtos de um estudo exploratório em andamento, realizado a partir dos dados produzidos, mas que possibilitam realizar inferências que indicam alguns desafios como a valoração de aspectos quantitativos na prática de avaliação docente, a fragilidade de embasamento teórico-conceitual, a falta de planejamento e de parâmetros de avaliação em Geografia, contextos que comprometem o desenvolver o pensamento geográfico.

Palavras-chave: Avaliação da aprendizagem, Ensino de Geografia, Pensamento geográfico, Geografia Escolar, Práticas avaliativas.

ABSTRACT

This article presents the results of preliminary research conducted within the subproject "School Geography in Everyday Life" (GEOCOTI), whose overall objective is to understand the relationships that teachers and students establish with geographical knowledge in the context of basic education, considering how these interactions unfold in everyday school life. This study focuses specifically on the analytical category of learning assessment, one of the themes investigated by GEOCOTI and the author's main subject of inquiry. The general aim is to identify the assessment practices employed by Geography teachers in their daily routines, highlighting their implications for the development of students' geographical thinking. The methodological approach consisted of empirical research with eight public-school teachers. Data were collected through classroom observations of Geography lessons, using an

¹ O artigo é fruto de pesquisas do subprojeto "Geografia Escolar no cotidiano: a relação professor e aluno com a Geografia no processo de ensino e aprendizagem", que integra o projeto "Geografia na escola como objeto do pensamento", coordenado pela professora Lana de Souza Cavalcanti.

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás – UFG, silvasantos.fco@gmail.com;



instrument collaboratively developed by the GEOCOTI research group. These observations were complemented by readings and group discussions that provided the theoretical foundation for the aspects selected for analysis. The results obtained so far stem from an ongoing exploratory study and already allow for inferences that point to several challenges: the predominance of quantitative aspects in assessment practices, the weakness of theoretical–conceptual grounding, the lack of planning, and the absence of clear parameters for Geography assessment. These contexts ultimately hinder the development of geographical thinking.

Keywords: Learning assessment, Geography teaching, Geographical thinking, School Geography, Assessment practices.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de pesquisas preliminares realizadas no contexto do subprojeto de pesquisa Geografia Escolar no cotidiano (GEOCOTI), que tem como objetivo geral compreender as relações que professores e alunos estabelecem com o conhecimento geográfico no contexto do ensino básico, considerando como essas interações ocorrem no cotidiano escolar. Os estudos estão sendo desenvolvidos por uma equipe de pesquisadores vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Federal de Goiás (UFG/IESA) e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Jataí (PPGGEO/Jataí), sob a coordenação da Profa. Dra. Lana de Souza Cavalcanti.

Este artigo dá ênfase à categoria de análise da avaliação da aprendizagem, um dos temas da pesquisa realizada pelo GEOCOTI e objeto de estudo do autor. A avaliação da aprendizagem é aqui entendida como um elemento intrínseco do processo de ensino, articulada ao planejamento e à realização de uma proposta que se estrutura a partir de objetivos, métodos e conteúdos (Cavalcanti, 2024).

Assim, a avaliação representa um instrumento pedagógico poderoso para construir aprendizagens mais significativas em Geografia, pois possibilita reconhecer as fragilidades do processo de ensino e redefinir estratégias que ampliem o alcance dos objetivos de aprendizagem estabelecidos. Reafirmando, assim, que o objetivo principal da avaliação deve ser a aprendizagem e este foco é assumido aqui na perspectiva de uma avaliação formativa da aprendizagem.

Mesmo constituindo-se como um elemento intrínseco ao processo de ensino e aprendizagem, a avaliação permanece sendo um desafio para a prática docente e, apesar dos avanços, continua majoritariamente valorizando aspectos quantitativos, praticada como etapa final do processo de ensino, utilizada como instrumento punitivo e atrelada a avaliações de



larga escala. Realizar estudos que contribuam para entender melhor como o processo de avaliação da aprendizagem em Geografia tem se constituído e suas potencialidades, tornou-se uma necessidade no campo de ensino da Geografia.

Colaborando com a investigação da temática, o objetivo geral deste trabalho é identificar práticas de avaliação da aprendizagem realizadas pelos professores de Geografia em seu cotidiano escolar, destacando as implicações deste contexto para o desenvolvimento do pensamento geográfico dos estudantes.

Como objetivos específicos do trabalho, delimitou-se: identificar o perfil avaliativo dos professores de Geografia; descrever a operacionalização do processo de avaliação praticada; analisar os desdobramentos das práticas avaliativas dos professores no desenvolvimento do pensamento geográfico.

O percurso metodológico adotado consistiu em pesquisa empírica realizada com 8 professores de escolas públicas (estaduais e municipais), utilizando como instrumento de produção de dados a observação das aulas de Geografia, realizadas por meio de um instrumental elaborado coletivamente pelos pesquisadores do Grupo GEOCOTI, articulado com leituras e debates em grupo que embasaram teoricamente os aspectos selecionados para observação e posterior análise.

Os resultados obtidos até o momento são produtos de um estudo exploratório em andamento, realizado a partir dos dados produzidos, mas que possibilitam realizar inferências que indicam alguns desafios como a valoração de aspectos quantitativos na prática de avaliação docente, a fragilidade de embasamento teórico-conceitual, a falta de planejamento e de parâmetros de avaliação em Geografia, contextos que comprometem o princípio do ensino de Geografia, aqui entendido como o de desenvolver o pensamento geográfico.

METODOLOGIA

O percurso metodológico do estudo foi realizado através de pesquisa de natureza qualitativa que, de acordo com Minayo (2007), possibilita analisar os significados e as motivações identificadas na realidade social e nas ações humanas que se instituem nas relações, representações e intencionalidades.

A investigação foi realizada por meio de pesquisa empírica com base na observação das aulas de 8 professores da educação básica que atuam na Rede Estadual de Goiás e do Ceará, e na Rede Municipal de Goiânia-GO. A escolha das respectivas redes ocorreu pela proximidade dos pesquisadores com os referidos espaços. No caso dos professores, a escolha seguiu como premissa à disponibilidade e adesão voluntária para observação das aulas.



A pesquisa foi realizada no período de setembro a dezembro de 2024, contemplou 7 escolas e envolveu a observação de 38 aulas. As informações foram obtidas por meio de um instrumental previamente elaborado que elencou como critérios de observação: o tipo de avaliação adotada, os instrumentos utilizados para evidenciar a aprendizagem, a articulação entre os conteúdos ensinados e os abordados pela avaliação, *feedback* dos alunos e a intencionalidade docente na condução do processo avaliativo.

O percurso metodológico também consistiu na realização de levantamento bibliográfico, desenvolvido ao longo da pesquisa, com intuito de reunir referenciais teóricos que colaborassem para pensar os temas centrais da pesquisa e, no contexto deste artigo, relacionados à avaliação da aprendizagem e desenvolvimento do pensamento geográfico.

Somadas às etapas descritas, foram realizadas reuniões de discussão e planejamento do grupo, conduzidas por meio de encontros quinzenais, quando ocorriam os debates sobre os aportes teóricos que dialogam sobre o cotidiano do ensino de Geografia. Posteriormente, foram feitas a elaboração coletiva do instrumental de observação das aulas, seleção dos professores e cronograma de observação.

Após a etapa de observação das aulas, foram realizadas novas reuniões para o compartilhamento e análise dos resultados, dos quais este artigo evidencia e propõe uma sistematização das informações referentes à categoria de análise avaliação da aprendizagem e sua prática no cotidiano dos professores de Geografia.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Geografia como conhecimento escolar, assim como outros campos de conhecimento, tem sido incorporada a novas lógicas curriculares de bases neoliberais em que a formação dos estudantes tem sua finalidade fortemente orientada para formação de mão de obra, influenciando uma visão de educação majoritariamente voltada ao mercado capitalista de trabalho e minimizado os aspectos do conhecimento como instrumento para desenvolvimento da criticidade dos estudantes e seu uso como conhecimento poderoso (Young, 2007), ou seja, como conhecimento que possibilita aos alunos entender o mundo e atuarem de forma consciente com e sobre ele.

De acordo com Young (2007), é importante que a escola questione a função dos currículos como instrumento de conhecimento e que se avance além de uma lógica de poder predominante, possibilitando novos instrumentos de análise da realidade pelos alunos, especialmente com a intenção de lhes conceder a oportunidade de, a partir dos novos



conhecimentos, operarem em suas vivências para alterá-las com autonomia e discernimento intelectual.

Diante desta perspectiva, algumas questões podem ser instigantes para a Geografia, tais como: qual a Geografia ensinada nas escolas? Em que medida essa Geografia tem sido encaminhada como conhecimento poderoso? Qual sua função e relevância social do conhecimento geográfico para a sociedade moderna? Estas e outras questões podem dar novo sentido à constituição da prática docente em Geografia.

Assim, a postura defendida neste trabalho aponta para um ensino de Geografia de base crítica, que priorize a formação de cidadãos em sua totalidade e potencialidades, não se restringindo a uma formação trabalhista que opera para constituir indivíduos que se encaixam no padrão social estabelecido pelos grupos dominantes, que não questiona a realidade vivenciada e menos ainda sua mudança.

Como uma possibilidade de encaminhamento para o ensino com perspectiva transformadora, Cavalcanti (2024) propõe que a Geografia possui um arcabouço teórico-metodológico que possibilita a leitura da realidade por meio de uma dimensão específica de análise, que se dá por meio de elementos singulares e que ajudam na compreensão do mundo. Para a autora, esse arcabouço pode ser chamado de pensamento geográfico e representa uma referência para o desenvolvimento do trabalho na Geografia Escolar.

Ainda de acordo com Cavalcanti (2025, p. 31), o pensamento geográfico é a capacidade geral de realizar a análise geográfica de fatos e fenômenos a partir de uma “[...] matriz comum que envolve categorias, conceitos, princípios e linguagem que, respeitando a pluralidade metodológica e conceitual, delineiam um modo de conduzir os raciocínios e realizar análises que evidenciam a espacialidade do objeto”.

Nesse sentido, o pensamento geográfico tem potencialidades para nortear o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem em Geografia na escola, contribuindo como instrumento intelectual para interpretação da realidade por meio de conceitos, princípios e linguagem específica da Geografia. Para Luz Neto (2022, p. 28) a mobilização de elementos do pensamento geográfico é fundamental como “[...] um conhecimento útil para as ações sociais de planejar intervenções na organização geográfica da sociedade”.

Assumir o pensamento geográfico como meta para o ensino de Geografia representa um avanço significativo na organização da ação pedagógica e demanda pela seleção de encaminhamentos que corroborem coerentemente para esta finalidade. Dentre os aspectos que compõem o ensino e, como já anunciado anteriormente, este trabalho dá ênfase à avaliação da aprendizagem e suas implicações para o desenvolvimento do pensamento geográfico.



Segundo Macedo (2020) o ato de avaliar é historicamente construído e internalizado pela vivência enquanto sociedade e com especificidade no contexto escolar por meio de um processo de totalização não linear entre as relações estabelecidas na prática social. Dessa forma, a autora defende que “[...] avaliar é uma atividade que se aprende e decorre do exercício do pensamento, e a escola como o lugar de sistematização dos saberes, é uma importante mediadora desse processo” (p. 198).

A avaliação da aprendizagem é um elemento inerente ao ensino e possibilita compreender o processo de aprendizagem do estudante a partir de uma análise diagnóstica, contínua e processual. Há várias vertentes teóricas que buscam sistematizar propostas sobre a avaliação da aprendizagem, cada uma privilegiando aspectos que consideram relevantes na constituição teórica deste tema.

Luckesi (2011), entende a avaliação como um processo que subsidia a tomada de decisões a respeito dos avanços ou dificuldades na aprendizagem dos estudantes, tendo como princípio garantir a qualidade do resultado estabelecido como objetivo. Para o autor, a avaliação extrapola a verificação, sinalizando a necessidade de pensar a avaliação em uma escala mais ampla, que rompa com práticas avaliativas centradas em mensuração de notas, memorização e como etapa final do processo de ensino.

Se considerarmos os pressupostos constituintes de um ensino de Geografia Crítica, ter uma avaliação da aprendizagem quantitativa é insuficiente como componente para o desenvolvimento do pensamento geográfico, pois não se oportuniza ao estudante um espaço de aprendizagem em que a reflexão é promotora da construção de novos conhecimentos.

Uma alternativa pode ser encontrada nas proposições teórica-conceitual da avaliação formativa, constituída por princípios que dialogam com os pressupostos defendidos até aqui, especialmente ao assumir como objetivo da avaliação a centralidade na e para a aprendizagem. Para Fernandes (2006) uma das características fundamentais da avaliação formativa é a conscientização do aluno entre a diferença do seu estado atual de aprendizagem e do estado que pretende alcançar, assim como as estratégias necessárias para possibilitar avanços.

A avaliação, em uma perspectiva formativa, tem o potencial de assumir uma posição de instrumento de mediação no processo de ensino e aprendizagem, possibilitando ao aluno que ele saia do seu estágio de conhecimento inicial e avance para outro mais complexo, através da mediação do professor ou de outros colegas, no contexto da Zona de Desenvolvimento Proximal - ZDP (Vigotski, 2021).



Também Villas Boas (2011) colabora para o entendimento do tema ao destacar como características da avaliação formativa a centralidade na promoção da aprendizagem, conduzida pelo professor e com foco no estudante, considerando o progresso individual e estabelecendo critérios que ultrapassem os limites do currículo tradicional. Dessa forma, a avaliação deve ocorrer em diferentes momentos do processo e considerar as possibilidades de erro como fator diagnóstico e os alunos como protagonistas da própria aprendizagem.

A composição teórico-conceitual apresentada, indica possibilidades para a prática avaliativa. No entanto, a realidade que as pesquisas têm apresentado sobre a avaliação em Geografia ainda indicam percursos contrários ao que se defende aqui como caminho. Diante dos desafios é preciso seguir acreditando, não de forma ingênua, mas como uma provocação contínua da prática avaliativa em Geografia, assumindo uma postura em consonância com a defesa de Hadji (2001, p. 54), de que “[...] a avaliação não passa de uma utopia promissora”.

No contexto específico da Geografia, Rabelo (2025) aponta que para alcançar a meta de ensinar a pensar geograficamente é necessário reconfigurar as avaliações convencionais e tornar a prática avaliativa mais significativa. Para a autora, a avaliação cria possibilidades de potencializar a prática dos professores para formação do pensamento geográfico. “A avaliação da aprendizagem, assim, permitirá que o aluno e o professor tomem consciência das aprendizagens e das dificuldades e, com isso, haja intervenção frente aos conteúdos/conhecimentos não internalizados” (Rabelo, 2025, p. 114).

A partir da conjuntura apresentada, o professor é um personagem fundamental para o desenvolvimento do processo de ensino, aprendizagem e avaliação. Assim, conhecer como a prática avaliativa dos professores de Geografia tem sido mobilizada em sala de aula tornou-se relevante para entender os desdobramentos da atuação docente para o desenvolvimento do pensamento geográfico.

A ação docente em sala de aula é permeada por fatores que influenciam sua tomada de decisão e desenvolvimento prático da avaliação. O processo formativo inicial e continuado, por exemplo, incide sobre as concepções que orientam sua forma de conduzir o processo avaliativo, nem sempre realizado de forma clara e objetiva.

A intencionalidade é o elemento importante deste processo. Ao se propor uma avaliação centrada na aprendizagem e para o desenvolvimento do pensamento geográfico não se almeja acrescentar ao processo de ensino uma realidade paralela, mas trabalhar com os aspectos já presentes no cotidiano escolar, mas que se encontra mecanizada e invisível ao pensamento docente.



Outro fator relevante em ser apontado é a diminuição da autonomia docente promovida pelas redes de ensino e o estabelecimento de currículos engessados onde o conteúdo e a avaliação são elaborados de forma genérica, utilizando a prova como instrumento avaliativo padrão e com foco no caráter quantitativo, especialmente estabelecido por meio das avaliações de larga escala.

Diante deste cenário, analisar a composição da prática avaliativa em Geografia possibilita a apropriação teórica dos desafios e o esforço para construção de propostas alternativas que possam ser adaptadas às diferentes realidades vivenciadas por professores e alunos no cotidiano escolar. É com esta pretensão que o presente trabalho busca evidenciar os resultados da observação realizada da prática avaliativa docente e analisar os desdobramentos para o ensino e aprendizagem em Geografia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aprendizagem é por excelência um objetivo central no processo de educação escolar, visando à formação de sujeitos capazes de atuar criticamente na sociedade e em seus espaços de vivência. Diante desta premissa, consideramos que o processo avaliativo assume um papel fundamental, pois direciona ações que buscam evidenciar a aprendizagem dos alunos, permitindo estabelecer parâmetros de progressos ou das fragilidades do percurso.

No contexto da Geografia Escolar, importa considerar as especificidades do desenvolvimento do pensamento geográfico pela mobilização de princípios, conceitos e linguagem (Cavalcanti, 2019; 2024). Isso implica em definir propostas de ensino que intencionalmente busquem promover a aprendizagem dos conhecimentos geográficos pelos alunos, processo que se efetiva na articulação com as práticas de avaliação.

Imbuído em compreender melhor o processo avaliativo em Geografia e na busca por respostas às questões propostas para este estudo, destaco a seguir algumas evidências das observações realizadas com foco na prática dos professores de Geografia e dos encaminhamentos propostos ao processo de avaliação da aprendizagem no cotidiano escolar.

Os dados produzidos na pesquisa do Grupo GEOCOTI, no que se refere à avaliação da aprendizagem em Geografia, foram sistematizados e estruturados em 3 categorias de análise: perfil avaliativo dos professores; operacionalização da avaliação; parâmetros de avaliação da aprendizagem em Geografia.

Quanto ao perfil avaliativo dos professores, as observações de aula permitiram identificar que ainda persistem concepções avaliativas com traços tradicionalistas, com avaliações instrumentalizadas por meio das reproduções de informações, atividades do livro,



respostas prontas e de cunho mnemônico. As aulas não parecem ser planejadas contemplando a avaliação da aprendizagem, que é conduzida como um elemento final do processo de ensino.

No que tange à operacionalização da avaliação praticada pelos professores, foi possível observar que há uma significativa valoração dos aspectos quantitativos da avaliação, aparelhada por planilhas de registros, por exemplo, e com foco na mensuração de notas para alimentação de sistemas das redes de ensino. A avaliação assume, assim, um caráter mecanicista, fechada em si mesma, o fazer pelo fazer e sem foco na aprendizagem.

Sobre os parâmetros de avaliação da aprendizagem em Geografia, as observações revelaram que houve avanços na dinamização dos instrumentos avaliativos, mas com pouca objetividade quanto à sua intenção, estruturados sem cuidados teórico-conceituais que construam evidências da aprendizagem em Geografia. Dessa forma, os resultados alcançados são confusos e dificultam analisar os avanços ou fragilidades do processo de aprendizagem promovido.

Os resultados da pesquisa revelam aspectos preocupantes da prática avaliativa em Geografia, com a presença de traços tradicionais persistentes no cotidiano escolar, que privilegiam a reprodução de conteúdos e a memorização mecânica, comprometendo a aprendizagem. Em concordância com este entendimento, Libâneo (2013) afirma que a transmissão acrítica de conteúdos distancia o ensino da construção ativa do conhecimento.

Para Dantas (2024) há uma espécie de mito da avaliação em que, mesmo diante dos avanços teóricos sobre a temática, há pouca efetividade de mudanças na sala de aula, prevalecendo uma cultura examinatória que dificulta a incrementação de novas concepções. Faltam condições reais para colocar em prática as contribuições teóricas construídas pelas pesquisas.

Dessa forma, é preciso criar estratégias que colaborem para transformar as práticas avaliativas dos professores de Geografia em favor da aprendizagem, motivando os alunos a avançarem para além de ações mecânicas, criando oportunidades para que reflitam sobre o conhecimento apresentado e entrem em atividade (Leontiev, 2019), mobilizando seus pensamentos para aprender.

A prevalência de aspectos quantitativos sobre os qualitativos também preocupa, especialmente em função do valor institucional que os parâmetros de notas têm assumido, o que implica em descaracterizar o processo avaliativo e seu valor para o ensino de Geografia. Assim, “[...] quando a avaliação se reduz a um instrumento de medição, ela perde o seu



caráter pedagógico, educativo e emancipador, transformando-se apenas em um meio de seleção, classificação e exclusão" (Luckesi, 2011, p. 24).

No ensino de Geografia, Cavalcanti (2024, p. 92) sugere como encaminhamento da prática da avaliação em Geografia a articulação de instrumentos simbólicos (conceitos, técnicas, teorias) da ciência Geografia “[...] como base para estabelecer critérios de avaliação da aprendizagem e do desenvolvimento do pensamento geográfico”. Essa proposta pode contribuir para que se tenha mais clareza quanto à organização da avaliação e promoção de sua função como processo de reflexão e intervenção, com foco na aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto evidenciado pela investigação do projeto GEOCOTI aponta indícios iniciais da relevância em se desenvolver mais estudos sobre a temática, visando ampliar o arcabouço teórico-metodológico para análises futuras e construir novas reflexões sobre a prática avaliativa em Geografia na escola.

As observações das práticas avaliativas nas aulas de Geografia indicaram que, mesmo com avanços nas discussões, ainda há forte presença de traços tradicionais centrados na quantificação de resultados, como o processo avaliativo conduzido na perspectiva de etapa final do processo de ensino e com dificuldades em estruturar teoricamente uma proposta de avaliação que considere os elementos do campo da ciência geográfica, comprometendo o desenvolvimento do pensamento geográfico.

As evidências das observações indicam a necessidade em se motivar uma prática avaliativa consciente e intencional, amparada em um processo formativo contínuo que possibilite estabelecer objetivos claros de ensino e seja encaminhada por ações que direcionam para uma aprendizagem com significado, que forneça instrumentos de compreensão da realidade por meio dos conceitos, princípios e linguagem geográfica, uma prática avaliativa a serviço da aprendizagem e que ajude a pensar pela Geografia.

Assim, defendemos a concepção de que é necessário ter clareza quanto às concepções avaliativas e sua implementação no cotidiano escolar. A prática avaliativa em Geografia deve ser encaminhada através de planejamento e sistematização teórico-metodológica, amparados nos conhecimentos científicos da Geografia, na conjuntura relacional dos conteúdos abordados e no cotidiano dos estudantes, com foco na aprendizagem.

Não se pretende estabelecer um modelo padrão para a prática avaliativa, especialmente ao considerarmos a diversidade da realidade escolar, mas estudos exploratórios com este, dão indícios do status atual de dificuldades em desenvolver o processo avaliativo nas aulas de



Geografia, os avanços e perspectivas para aprimoramento da prática a partir de propostas alternativas.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, L. de S. **A importância da Geografia na escola**: reafirmando defesas como ato político-pedagógico indispensável em contextos contemporâneos. In: COPATTI, C.; SANTOS, R. A. dos; CERREIA, S. L. C. (Org.) Currículo e formação docente: interfaces no ensino e pesquisa em Geografia. Sobral – CE: Sertão Cult, 2025.

CAVALCANTI, L. de S. **Ensinar e aprender Geografia**: elementos para uma didática crítica. Goiânia: C&A; Alfa, 2024.

CAVALCANTI, L. de S. **Pensar pela Geografia**: o ensino e a relevância social. Goiânia: C&A Alfa, 2019.

DANTAS, Lucas. **Examinar ou avaliar**: a prática de docentes de geografia do ensino médio regular do município de Betim/MG. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2024.

FERNANDES, Domingos. **Para uma teoria da avaliação formativa**. Revista Portuguesa de Educação, Minho, v. 19, n. 2, p. 21-50, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/5495>. Acesso em: 20 ago. 2025.

HADJI, Charles. **A avaliação desmistificada**. Porto Alegre: ArtMed, 2001.

LEONTIEV, A. N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Trad. Maria da Pena Villalobos. 16. ed. São Paulo: Ícone, 2019.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LUZ NETO, Daniel Rodrigues Silva. **Mobilização do pensamento geográfico**: prática educativa de professores de geografia no ensino fundamental. Goiânia: C&A Alfa Comunicações, 2022.

MACEDO, Marasella dél Carmen Silva Rodrigues. **Vigostki e avaliação da aprendizagem escolar**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2020.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

RABELO, Kamila Santos de Paula. **Práticas avaliativas formativas em geografia no ensino médio**: propostas para a formação do pensamento geográfico. 2025. 225 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2024.



VIGOTSKI, L. S. Psicologia, educação e desenvolvimento: escritos de L.S. Vigotski. Organização e tradução de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

VILLAS BOAS, Benigna M. de Freitas (org.). **Avaliação Formativa:** práticas inovadoras. Campinas - SP: Papirus, 2011.

YOUNG, Michael, F. D. **Para que servem as escolas?** Educação & Sociedade, v. 28, n. 101, p. 1287-1302, 2007. Disponível em: <http://cedes.unicamp.br>. Acesso em: 18 ago. 2025.